

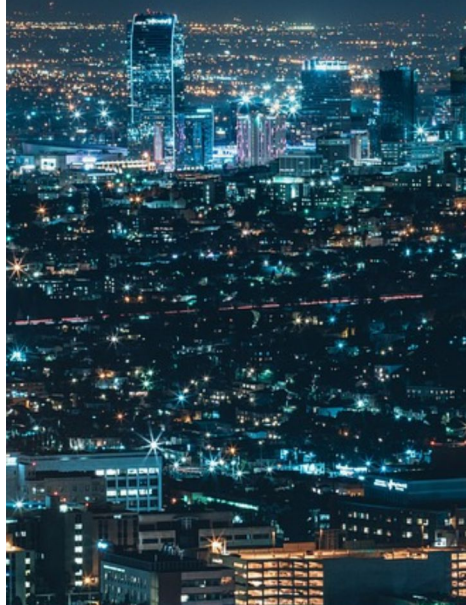


revista cristã
última chamada

Lucas 21 o Preterismo e o Apocalipse

César Francisco Raymundo

O Fim dos Tempos como você nunca ouviu falar!



- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo

[www.
revistacrista
.org](http://www.revistacrista.org)

Lucas 21, o Preterismo e o Apocalipse...

César Francisco Raymundo

- Revista Cristã Última Chamada -
- Edição Especial Nº 029 -

Capa: imagens da internet.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais. É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.



revista cristã
última chamada

Periódico *Revista Cristã Última Chamada*,
publicada com a devida autorização e
com todos os direitos reservados no
Escritório de Direitos Autorais da
Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro sob
nº 236.908.

Editor

César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br

Site: www.revistacrista.org

Londrina - Paraná
Dezembro de 2016

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

Índice

Sobre o Autor.....	06
Lucas 21 – Introdução.....	07
A destruição do templo.....	09
O princípio das dores.....	12
Os sinais... ..	12
Jerusalém sitiada.....	18
A vinda do Filho do Homem.....	23
A parábola da figueira.....	34
Exortação à vigilância e conclusão.....	37
Bibliografia.....	45
Obras importantes para pesquisa.....	47

Sobre o autor



César Francisco Raymundo nasceu em 02/05/1976 na cidade de Londrina - Estado do Paraná. De origem católica, encontrou-se com Cristo aos treze anos de idade. Na década de noventa passou a ser membro da igreja Presbiteriana do Brasil daquela cidade. Tem desenvolvido diversos trabalhos entre eles livros, folhetos e revistas visando a divulgação da Boa Nova da Salvação em Cristo para o público em geral. Atualmente, se dedica intensamente ao estudo, especialização, divulgação e produção de material didático a respeito do Preterismo Parcial e Pós-milenismo, para que tal mensagem seja conhecida como um caminho verdadeiramente alternativo contra a escatologia falsa e pessimista que recebemos por tradição em nossas igrejas.

Lucas 21 – Introdução

Toda a pregação sobre o tempo do fim é frequentemente baseada em Mateus capítulo 24, mais conhecido como o “Sermão profético” de Jesus. Tenho visto há muitos anos que a maioria esmagadora dos pregadores e dos crentes em geral se baseiam em Mateus 24 quando o assunto é a volta de Jesus. Mas, o Sermão profético não está apenas em Mateus 24. Podemos encontrá-lo em textos paralelos nos evangelhos de Marcos 13 e Lucas 21.

Dos três evangelhos, o capítulo 21 do evangelho de Lucas é o mais claro em relação ao Sermão profético. Isto se deve ao fato de que o evangelho de Lucas foi escrito para os cristãos de cultura helênica das comunidades paulinas, ao passo que o evangelho de Mateus tem como público alvo os judeus, e o evangelho de Marcos foi direcionado aos crentes romanos, particularmente os gentios. É por isto que encontramos essa diferença nas narrativas. A leitura de Mateus capítulo 24 é mais fácil para os judeus, seu público alvo, porque eles estavam habituados com a linguagem e simbologia do Antigo Testamento. Não encontramos em Lucas 21, por exemplo, referência ao “*Abominável da Desolação*” descrito pelo profeta Daniel. Isto encontramos no evangelho de Mateus capítulo 24, cujo público alvo estava familiarizado com a profecia de Daniel sobre o “*Abominável da Desolação*”.

Por haver mais clareza de expressão, o texto do Sermão profético em Lucas 21 pode nos levar a interpretá-lo como se o mesmo estivesse falando da modernidade, isto porque encontramos ali expressões tais como “*sobre a face de toda a terra*”, que à primeira vista, parece dar a entender que seja uma referência a todo o Planeta Terra. Todavia, o texto de Lucas 21 é muito claro a respeito do Preterismo. Tanto é verdade que o dispensacionalista Norbert Lieth reconheceu que a “*grande aflição*” descrita em Lucas 21 cumpriu-se no 70 d.C. ao dizer que o “Evangelho de Lucas, [...] trata primeiro da destruição do templo em 70 d.C.”¹

Neste e-book, não vou entrar em detalhes profundos ou históricos sobre os sinais da vinda de Cristo, mas irei me concentrar naqueles pontos que são usados por muitos como prova de que Lucas 21 seria uma referência ao fim do mundo. Tratarei daquelas frases que parecem demonstrar que Lucas 21 trata de acontecimentos que estariam perto da Segunda Vinda de Cristo.

A destruição do templo

“Falavam alguns a respeito do templo, como estava ornado de belas pedras e de dádivas; então, disse Jesus: Vedes estas coisas? Dias virão em que não ficará pedra sobre pedra que não seja derribada”.

(Lucas 21:5-6; ver também
Mateus 24:1-2; Marcos 13:1-2)

Não se engane! O assunto do Sermão profético não é sobre o fim do mundo físico, mas sobre a vinda de Jesus em julgamento contra a nação de Israel, e isto, aconteceu na geração dos discípulos. O Sermão profético foi pronunciado em virtude da curiosidade dos discípulos. Eles ficaram perplexos com a declaração de Jesus de que não ficaria *“pedra sobre pedra que não seja derribada”*. É bem provável que em suas mentes deve ter passado um filme. Os discípulos como judeus que eram, devem ter se lembrado do exílio babilônico que causou a destruição do templo. Para eles, a futura destruição do templo significava o fim, o exílio da nação.

Os discípulos não perderam tempo e fizeram três perguntas que estavam na ponta da língua:

“Perguntaram-lhe: Mestre, quando sucederá isto? E que sinal haverá de quando estas coisas estiverem para se cumprir?”

(Lucas 21:7)

Observe o leitor, que esta versão do Sermão profético escrita por Lucas não mostra os discípulos preocupados com o fim do mundo. “*Quando sucederá isto?*”, ou seja, a pergunta é sobre quando acontecerá essa destruição do templo. Na versão de Mateus 24:3 a pergunta dos discípulos está assim:

“Dize-nos quando serão essas coisas e que sinal haverá da tua vinda e do fim do mundo?”

(Almeida Revista e Corrigida)

Em outras versões como a Almeida Revista e Atualizada a tradução é “*consumação do século*” ao invés de “*fim do mundo*”. A palavra grega traduzida como mundo é *aion*, e esta palavra não refere-se ao mundo físico. A ideia em questão na pergunta dos discípulos é o fim da “*era judaica*” com seu templo e sacrifícios de animais. Como bom judeus, os discípulos sabiam que com a chegada do Messias, a era judaica iria se acabar. A tradução “*fim do mundo*” parece ter enganado muita gente. Talvez, seja por isto que Mateus 24 é explorado em primeiro lugar, pois esse texto, ao contrário de Lucas 21, parece dar mais respaldo à ideia de fim do mundo.

É muito significativo que Lucas, ao contrário de Mateus, e devido ao seu público alvo, não usa a palavra “vinda” na pergunta dos discípulos. Compare os dois textos a seguir:

<p><i>“Dize-nos quando serão essas coisas e que sinal haverá da tua vinda e do fim do mundo?”</i></p> <p>(Mateus 24:3)</p>	<p><i>“Perguntaram-lhe: Mestre, quando sucederá isto? E que sinal haverá de quando estas coisas estiverem para se cumprir?”</i></p> <p>(Lucas 21:7)</p>
--	---

Por causa dos judeus que eram o público alvo de Mateus, o assunto “*vinda*” entra em questão porque os judeus esperavam a vinda do Messias e uma nova era. Os gregos (público alvo de

Lucas) não tinham essa esperança messiânica, judaica (a não ser aqueles que haviam se convertido ao judaísmo naquele tempo). A eles Lucas resume a pergunta somente sobre o sinal de “*quando estas coisas estiverem para se cumprir*”, isto é, a destruição do templo. Assim, na versão de Lucas - pelo menos está claro para mim - o Sermão profético logo de início soa mais local, mais concentrado na região de Israel, e não o fim do Planeta Terra.

O princípio das dores

“Responden ele: Vede que não sejais enganados; porque muitos virão em meu nome, dizendo: Sou eu! E também: Chegou a hora! Não os sigais. Quando ouvirdes falar de guerras e revoluções, não vos assusteis; pois é necessário que primeiro aconteçam estas coisas, mas o fim não será logo”.

(Lucas 21:8-9)

O nosso olhar moderno e contaminado em cima da interpretação do texto fez com que a gente perdesse a pureza e simplicidade do que Jesus falou. Observe que no texto acima, na sequência da pergunta dos discípulos, claramente se vê que Jesus se dirige a eles como público alvo que iria passar pelo princípio das dores. Leia mais uma vez os versículos acima sem as ideias preconcebidas de nosso tempo, e veja se eu não estou falando a verdade. Tire suas conclusões!

Os discípulos perplexos e curiosos queriam saber sobre “quando” o templo iria ser destruído. O Senhor Jesus poderia muito bem ter dito: *“Fiquem tranquilos, a profecia não é para se cumprir em vosso tempo, pois será em uma geração num futuro ainda distante”*. Foi justamente assim que o anjo agiu em relação ao profeta Daniel, quando este estava curioso a respeito das profecias, veja:

“A visão da tarde e da manhã, que foi dita, é verdadeira; tu, porém, preserva a visão, porque se refere a dias ainda mui distantes”.

(Daniel 8:26 - o grifo é meu)

Tu, porém, Daniel, encerra as palavras e sela o livro, até ao tempo do fim; muitos o esquadrinharão, e o saber se multiplicará”.

Eu ouvi, porém não entendi; então, eu disse: meu senhor, qual será o fim destas coisas? Ele respondeu: Vai, Daniel, porque estas palavras estão encerradas e seladas até ao tempo do fim”.

(Daniel 12:4, 8-9 – o grifo é meu)

Ao invés de declarar palavras semelhantes, o Senhor Jesus fala para que os discípulos tenham cautela, porque eram alguns deles que veriam parte ou o todo do cumprimento da destruição do templo. Alguns estiveram vivos apenas para verem os sinais, outros – como o caso do apóstolo João – estiveram vivos para ver o cumprimento integral da profecia até a destruição do templo no ano 70 d.C.

Os sinais...

“Então, lhes disse: Levantar-se-á nação contra nação, e reino, contra reino; haverá grandes terremotos, epidemias e fome em vários lugares, coisas espantosas e também grandes sinais do céu”.

(Lucas 21:10-11)

Muita gente pensa que para preencher as demandas do Sermão do monte, esses sinais acima descritos teriam que ser grandes guerras modernas, guerras nucleares, epidemias com números astronômicos etc. Alguns usam grandes estatísticas mostrando como a fome e as epidemias têm aumentado assustadoramente de uns anos para cá. A grande questão não é o tamanho astronômico moderno que supostamente estaríamos vivendo. A questão é o “quando?”, pergunta esta feita pelos discípulos no versículo 7. O

Senhor responde que é na geração deles. Isto veremos mais à frente.

A história mostra que todos os sinais acima descritos foram cumpridos nos dias da igreja primitiva. É lamentável ver que até mesmo pastores desconhecem esses dados históricos, ao ponto de falarem que nada de ruim aconteceu no primeiro século da era cristã. As pessoas simplesmente desconhecem a história, e não sabem o quão horrível foram os dias da igreja primitiva. Como eu já disse no início, não irei aqui entrar em profundidade nos detalhes históricos, mas passo a citar o comentário de James Stuart Russel sobre o tema:

“Que as palavras de nosso Senhor teve verificação completa durante o intervalo entre a sua crucificação e no final desse tempo, temos o testemunho mais amplo. Falsos Cristos e falsos profetas começaram a aparecer no início da própria era cristã, e continuou a infestar o país até o fim da história judaica. No posto do governador Pilatos (36 A.D.), um deles apareceu em Samaria, e enganou grandes multidões. Havia um outro no posto do procurador geral Cuspius Fado (45 d.). Josefo nos diz que durante o governo de Felix (53-60 d.C.), “o país estava cheio de ladrões, mágicos, falsos profetas, falsos messias e impostores” que enganaram o povo com promessas de grandes eventos.

A mesma autoridade informa-nos que naqueles dias abundavam comoções civis e disputas internacionais, particularmente entre judeus e seus vizinhos. Em Alexandria, Selêucida, Síria e Babilônia, havia tumultos violentos entre judeus e gregos, e entre judeus e sírios, que viviam nas mesmas cidades. “Cada cidade foi dividida”, diz Josefo, “em ambos os lados”. No reinado de Calígula, houve grande apreensão na Judéia pela possibilidade de uma guerra com os romanos, seguindo a proposta do tirano para colocar sua estátua no templo. Durante o reinado do imperador Cláudio (41-54 d.C.),

havia quatro temporadas de grande escassez. No quarto ano do seu reinado, a fome na Judéia foi tão grave que o preço dos alimentos foi enorme, e muitas pessoas morreram. [Houve] tremores de terra ocorridos durante os reinados de Calígula e Cláudio”.²

Os sinais foram muito significativos para os discípulos, haja vista que no tempo de Jesus o mundo romano desfrutava de paz, a chamada Pax Romana. O fato de aparecer guerras naqueles dias da igreja primitiva, significava que a poderosa Pax Romana estava sendo rompida. O sinal das guerras descrito aqui em Lucas 21 tem conexão direta com o segundo selo em Apocalipse 6:3-4, que diz:

*“Quando abriu o segundo selo, ouvi o segundo ser vivente dizendo:
Vem!*

E saiu outro cavalo, vermelho; e ao seu cavaleiro, foi-lhe dado tirar a paz da terra para que os homens se matassem uns aos outros; também lhe foi dada uma grande espada”.

A “terra” em questão que estava em paz até a chegada do cavalo vermelho, é a “terra de Israel” no contexto bíblico e apocalíptico.

“...coisas espantosas e também grandes sinais do céu”.

É um grande desconhecimento histórico dizer que não aconteceu “coisas espantosas” ou “grandes sinais do céu” perto do tempo da destruição de Jerusalém. O historiador judeu Flávio Josefo que foi testemunha ocular do cerco a Jerusalém descreveu nos seguintes termos:

“Um cometa, que tinha a forma de uma espada apareceu sobre Jerusalém, durante um ano inteiro”.

“Antes de começar a guerra, o povo reunira-se a oito de abril, para a festa da Páscoa, e pelas nove horas da noite, viu-se,

durante uma meia hora, em redor do altar e do templo, uma luz tão forte que se teria pensado que era dia”.

“Durante essa mesma festa uma vaca que era levada para ser sacrificada, deu à luz, um cordeiro no meio do templo”.

“Um pouco depois da festa, a vinte e sete de maio aconteceu uma coisa que eu temeria relatar, de medo que a tomassem por uma fábula, se as pessoas que também a viram, ainda não estivessem vivas e se as desgraças que se lhe seguiram não tivessem confirmado a sua veracidade. Antes do nascer do sol viram-se no ar, em toda aquela região, carros cheios de homens armados, atravessar as nuvens e espalharam-se pelas cidades, como para cercá-las”.

“Por volta da hora sexta da noite, o portão leste do Templo foi visto ser aberto sem ajuda humana”. (Nota: este portão era de latão sólido e precisava de vinte homens para fechá-lo toda noite)

“Na subsequente festa de pentecostes, enquanto os sacerdotes estavam indo, à noite, para dentro do santo dos santos, fazer suas ministrações de costume, primeiro sentiram, conforme contaram, um tremor, acompanhado por um pequeno indistinto murmurar e depois vozes, como de uma multidão, dizendo, de forma nítida e apressada, “vamos embora”.³

Não foi só Flávio Josefo que relatou tais eventos. Um romano chamado Publius Cornelius Tacitus (55 a 120 d.C.), que não era nem judeu e nem cristão, relatou o seguinte:

“Haviam acontecido vários prodígios em que esta nação, que é muito suscetível a superstições (mas que no entanto odiava todos os rituais religiosos) não considerou legítimo fazer a expiação através de ofertas e sacrifícios.

Haviam sido vistos exércitos participando de uma batalha nas nuvens, o fulminante brilho das armas, o templo iluminado por uma repentina radiação que vinha das nuvens.

As portas do local sagrado interior foram subitamente abertas, e uma voz em um tom mais que mortal foi ouvida, e essa voz clamava que os deuses estavam indo embora.

Na mesma hora, houve um poderoso movimento como de algo indo embora”.⁴

Particularmente sobre esses “*sinais do céu*” descritos por Josefo e por Publius Cornelius Tacitus, e se podemos entendê-los como cumprimento literal de Lucas 21:11, o fato é que não podemos descartar que tudo quanto Jesus disse que aconteceria naquela geração dos discípulos, de fato se cumpriu à risca. Não foram só Josefo e Publius que deram informações sobre grandes sinais do céu. No ano 69 d.C., o ano antes da destruição de Jerusalém, ou do “glorioso dia do Senhor”, um evento peculiar foi testemunhado no céu. Cassius Dio (155-235 d.C.) que foi um notável historiador romano e funcionário público, descreveu esse evento:

“...presságios ocorreram. Um cometa foi visto, e a lua, ao contrário do precedente, apareceu a sofrer dois eclipses, sendo obscurecida no quarto e no sétimo dia. Também as pessoas viram dois sóis de uma só vez, um fraco e pálido no oeste, e um brilhante e poderoso no leste”.⁵

Jerusalém sitiada

“Quando, porém, virdes Jerusalém sitiada de exércitos, sabeis que está próxima a sua devastação.

Então, os que estiverem na Judeia, fujam para os montes; os que se encontrarem dentro da cidade, retirem-se; e os que estiverem nos campos, não entrem nela.

Porque estes dias são de vingança, para se cumprir tudo o que está escrito.

Ai das que estiverem grávidas e das que amamentarem naqueles dias! Porque haverá grande aflição na terra e ira contra este povo.

Cairão a fio de espada e serão levados cativos para todas as nações; e, até que os tempos dos gentios se completem, Jerusalém será pisada por eles”.

(Lucas 21:20-24)

Na sequência dos vários sinais apontando para a vinda de Cristo em julgamento, temos aqui a chegada do “fim”, isto é, o fim da era judaica. É extremamente difícil olhar os versículos acima e tentar encaixá-los ainda em nosso futuro, pois o que vemos é um cenário judaico do tempo da igreja primitiva, em que Jesus recomenda fuga da cidade de Jerusalém antes de sua destruição, e até mesmo cita as grávidas e a dificuldade que poderiam passar naquela região do Oriente Médio. Isto claramente se cumpriu no ano 70 d.C.!

O que o evangelista Mateus chama de “*o abominável da desolação*” no lugar santo (e ainda pede para que o leitor entenda), aqui Lucas é bem mais claro e traduz aos seus leitores que “*o abominável da desolação*” é “*Jerusalém sitiada de exércitos*”.

“Porque estes dias são de vingança, para se cumprir tudo o que está escrito”.

Os adeptos da heresia chamada Preterismo Completo citam este versículo para provar que toda a profecia escatológica foi cumprida no ano 70 d.C. O problema é que não é isso que Jesus quis dizer, mesmo porque todas as profecias não poderiam ser cumpridas num único dia. Veja o exemplo da profecia da descida do Espírito Santo cumprida no dia de Pentecostes, essa profecia cumpriu-se quase quatro décadas antes da destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. Uma vez que o assunto em questão em Lucas 21:20-24 é o cerco a Jerusalém e a sua destruição, *“tudo o que está escrito”* é uma referência a todas as vinganças escritas na Lei caso Israel desobedecesse o pacto com Deus.

O teólogo Kenneth L. Gentry Jr. comentou bem a questão:

“...ensinar baseado em Lucas 21:22 que tudo foi cumprido no ano 70 d.C. traz outros embaraços para o Preterismo Completo. Se ensinarmos que por volta do ano 70 d.C. foram “os dias” em que todas as profecias da Bíblia foram cumpridas, certamente teremos alguns problemas. Por exemplo, a profecia acerca da crucificação de Jesus aconteceu 40 anos antes do ano 70 d.C., e não nos “dias [que] são de vingança, para se cumprir tudo o que está escrito”. O derramamento do Espírito Santo também cumpriu-se 40 anos antes da queda de Jerusalém, e não nos dias que “são de vingança”.

Lemos no evangelho de Mateus que uma profecia após a outra estava sendo cumpridas durante o ministério terreno de Cristo, muito antes dos dias “de vingança” (veja Mateus 1:22; 2:15, 17, 23; 8:17; 12:17; 13:14, 35, 21, 4; 26:56; 27:9).

Em Lucas 4:21, Cristo cita uma declaração de Isaías: *“Então, passou Jesus a dizer-lhes: Hoje, se cumpriu a Escritura que acabais de*

ouvir”. Por isto, o preterista completo está terrivelmente equivocado ao afirmar que “estes dias” do julgamento de Jerusalém testemunhou absolutamente todas as profecias sendo cumpridas.

Jesus pronunciou as palavras de Lucas 21:22, foi por volta do ano 30 d.C., muito antes de qualquer livro do Novo Testamento ter sido escrito. Note que Jesus diz que serão cumpridas as coisas que já estavam escritas.

O verbo da frase “está escrito” é um particípio passivo perfeito. Ele está falando dessas profecias como já tendo sido escritas. Ou seja, ele está se referindo às profecias do Antigo Testamento (cf. linguagem semelhante em Mateus 4:4, 6, 7, 10). Ele não diz nada sobre posteriores escritos proféticos do Novo Testamento que naquela ocasião ainda não tinham sido escritos”.⁶

“Cairão a fio de espada e serão levados cativos para todas as nações; e, até que os tempos dos gentios se completem, Jerusalém será pisada por eles”.

Este versículo tem conexão direta com Apocalipse 8:8:

“O segundo anjo tocou a trombeta, e uma como que grande montanha ardendo em chamas foi atirada ao mar, cuja terça parte se tornou em sangue...”.

A “grande montanha” é uma alusão a Jeremias 51:25-26 que fala das intenções de Deus em julgar a cidade de Babilônia. Jeremias usa linguagem semelhante:

“Eis que sou contra ti, ó monte que destróis, diz o SENHOR, que destróis toda a terra; estenderei a mão contra ti, e te revolverei das rochas, e farei de ti um monte em chamas. De ti não se tirarão pedras, nem para o ângulo nem para fundamentos, porque te tornarás em desolação perpétua, diz o SENHOR”.

(Jeremias 51:25-26)

Nas Escrituras, as montanhas frequentemente representam autoridades ou reinos (Isaías 2:2). O mar é uma representação dos povos pagãos (Salmo 98:7; Isaías 23:11; 41:5; Ezequiel 26:16-18; Daniel 7:2-3). Em Apocalipse 8:8 temos a derrota de uma grande cidade, que foi atirada no mar, ou seja, lançada entre as nações gentílicas. A nação de Israel é conhecida na Bíblia como “monte da tua herança” (Êxodo 15:17). O povo de Israel sempre foi identificado através do monte Sião e Sinai.

Sendo assim, a “grande montanha ardendo em chamas [que] foi atirada ao mar” é Israel sendo lançado entre as nações pagãs, e aqui se cumpre a parte do Sermão profético quando diz que *“cairão a fio de espada e serão levados cativos para todas as nações”*. Isto aconteceu na queda e destruição de Jerusalém no ano 70 d.C. A imagem abaixo é uma prova desse acontecimento.



Este é o famoso arco de Tito. O Arco de Tito é um arco triunfal, erigido em Roma, em comemoração à conquista de Jerusalém pelo imperador Tito Flávio, filho de Vespasiano. É uma prova visível do cumprimento de Lucas 21:24.

Há uma curiosidade acerca da “grande montanha ardendo em chamas” que foi lançada ao mar. Veja isto em Mateus 21:18-22:

“Cedo de manhã, ao voltar para a cidade, teve fome; e, vendo uma figueira à beira do caminho, aproximou-se dela; e, não tendo achado senão folhas, disse-lhe: Nunca mais nasça fruto de ti! E a figueira secou imediatamente.

Vendo isto os discípulos, admiraram-se e exclamaram: Como secou depressa a figueira!

*Jesus, porém, lhes respondeu: Em verdade vos digo que, se tiverdes fé e não duvidardes, não somente fareis o que foi feito à figueira, **mas até mesmo, se a este monte disserdes: Ergue-te e lança-te no mar, tal sucederá;** e tudo quanto pedirdes em oração, crendo, recebereis”.*

(o grifo é meu)

Acredito que esta passagem faz pouco sentido para os crentes em geral, pois duvido quem conheceu um cristão que fez uma oração em que mande um “monte” ser lançado ao mar. E duvido quem fez tal oração com sua consequente resposta. Mas, se levarmos o contexto da passagem em consideração, veremos algo interessante, ou seja, vamos perceber no contexto em que ela foi falada:

“...primeiro, temos a Entrada Triunfal; em seguida, vemos a limpeza do templo; e finalmente, temos a história da Figueira Estéril. Neste contexto, Cristo está apresentando-se a Israel como seu Messias. Nessa qualidade, Ele é a limpeza de seu próprio templo. Em seguida, ele ilustra a rejeição de seu governo na história da figueira estéril de Israel. É neste ponto que Ele menciona a oração de lançar esta montanha (8:8); não montanhas em geral, mas esta montanha (8:8), é assim como Ele olhou para Jerusalém, para o mar e o mundo gentio. E assim vemos aqui cumpridas e ouvidas no ano 70 d.C., as orações dos santos e as orações dos mártires por vingança contra Jerusalém”.⁷

A vinda do Filho do Homem

“Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas; sobre a terra, angústia entre as nações em perplexidade por causa do bramido do mar e das ondas...”.

(Lucas 21:25)

Este versículo tem paralelo com os textos de Mateus e Marcos:

<i>“Logo em seguida à tribulação daqueles dias, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento, e os poderes dos céus serão abalados”.</i>	<i>“Mas, naqueles dias, após a referida tribulação, o sol escurecerá, a lua não dará a sua claridade, as estrelas cairão do firmamento, e os poderes dos céus serão abalados”.</i>
Mateus 24:29	Marcos 13:24-25

Os literalistas acreditam que todo o Sermão profético deve ser interpretado literalmente. Mas, isto não procede! Há na linguagem de Jesus uma mistura de linguagem literal com figurada. Quando o Senhor fala de “guerras” ou “terremotos” devemos entender como literal, pois não existe nenhum correspondente bíblico que indique que essa seria uma linguagem figurada. Os que defendem o literalismo total não são literais na hora de interpretar sobre qual “geração” veria o cumprimento do Sermão profético.

Embora use linguagem própria ou diferente ao dizer sobre os “sinais no sol, na lua e nas estrelas”, o evangelista Lucas está falando

do mesmo evento descrito em Mateus 24:29 e Marcos 13:24-25. Chamamos esses sinais nos astros celestes de “Universo em Colapso”. É uma linguagem da qual achamos seu correspondente no Antigo Testamento. Tal linguagem do Sol, lua escurecendo, ou estrelas caindo do céu para a terra, era usada para descrever a queda das nações. Nenhuma dessas previsões era para acontecer literalmente. Apenas é uma linguagem forte, ou a mais forte que o profeta poderia achar no vocabulário humano para descrever a ruína de uma nação.

Veja a seguir alguns exemplos do Antigo Testamento:

“Vieram reis, pelejaram; então pelejaram os reis de Canaã em Taanaque, junto às águas de Megido; não tomaram despojo de prata. Desde os céus pelejaram; até as estrelas desde os lugares dos seus cursos pelejaram contra Sísera”.

(Juízes 5:19-20 – o grifo é meu)

A linguagem usada na destruição da Babilônia em 539 a.C. é semelhante à de Mateus 24:29:

“Porque as estrelas dos céus e as suas constelações não darão a sua luz; o sol se escurecerá ao nascer, e a lua não resplandecerá com a sua luz”.

(Isaías 13:10)

Na destruição de Edom em 586 a.C. encontramos uma semelhança com Apocalipse 6:

“E todo o exército dos céus se dissolherá, e os céus se enrolarão como um livro; e todo o seu exército cairá, como cai a folha da vide e como cai o figo da figueira”.

(Isaías 34:4)

Agora, compare Isaías 34:4 com Apocalipse 6:12-14:

“Vi quando o Cordeiro abriu o sexto selo, e sobreveio grande terremoto. O sol se tornou negro como saco de crina, a lua toda, como sangue, as estrelas do céu caíram pela terra, como a figueira, quando abalada por vento forte, deixa cair os seus figos verdes, e o céu recolheu-se como um pergaminho quando se enrola. Então, todos os montes e ilhas foram movidos do seu lugar”.

A destruição do Egito em 587 A.C.:

“E, apagando-te eu, cobrirei os céus, e enegrecerei as suas estrelas; ao sol encobrirei com uma nuvem, e a lua não fará resplandecer a sua luz”.

(Ezequiel 32:7)

Ao profetizar a ruína de Samaria (722 a.C.), o profeta Amós escreveu:

“Sucederá que, naquele dia, diz o SENHOR Deus, farei que o sol se ponha ao meio-dia e entenebrecei a terra em dia claro”.

(Amós 8:9)

É bom que fique claro mais uma vez que não se trata de ser seletivo sobre o que é literal ou simbólico nas palavras de Jesus. A questão do correspondente bíblico deve ser levada em conta, ou seja, a Escritura explica a própria Escritura. Sendo assim, porque eu deveria achar que o colapso do Sol, lua e estrelas seria algo literal? O povo evangélico deveria ser mais atento ao contexto histórico e cultural em que a Escritura foi escrita. Deveríamos prestar mais atenção ao que o povo da qual se originou a Escritura pensa sobre o assunto. O estudioso judeu mais famoso da antiguidade, Moisés Maimônides, tem muito a ensinar aos

evangélicos atuais. Veja o que ele escreveu sobre essa questão do Universo em Colapso:

“Eu não posso acreditar que alguém seja tão insensato e cego, mantendo o sentido literal das frases figurativas e oratórias, afirmando que na queda do reino da Babilônia aconteceu uma mudança na natureza das estrelas dos céus, ou na luz do sol e da lua, ou que a terra moveu-se de seu lugar. Porque tudo isso é meramente a descrição de um país que foi derrotado: seus habitantes indubitavelmente viram todas as luzes escurecidas, e todas as coisas doces, amargas: toda a terra pareceu pequena demais para eles, e os céus mudaram diante deles”.⁸

Agora, vem uma questão: “Seriam os *“sinais no sol, na lua e nas estrelas”* o mesmo tema de Lucas 21:11 que diz sobre *“grandes sinais do céu”*? Possivelmente não é o mesmo tema, mesmo porque seria uma repetição desnecessária. O fato de Jesus falar sobre sinais celestes segunda vez, prova que não se trata do mesmo tema.

“...sobre a terra, angústia entre as nações em perplexidade por causa do bramido do mar e das ondas...”.

(Lucas 21:25)

A palavra *“terra”* aqui não fica restrita somente a *“terra de Israel”*, pois nesse contexto fala da *“angústia entre as nações”* que estão sobre a *“terra”*, então, temos *“terra”* no sentido de habitação das nações. Enquanto que a nação de Israel estaria caminhando para a ruína, e seus governantes e classe religiosa representados pelo Sol, lua e estrelas estavam caindo ou se apagando, as nações ao redor estariam também passando por tribulação. Esse versículo está em conexão direta com Apocalipse 3:10 que diz:

“Porque guardaste a palavra da minha perseverança, também eu te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro, para experimentar os que habitam sobre a terra”.

A palavra “*mundo*” neste versículo é οἰκουμένη (oikoumene) palavra grega, que significa “terra habitada”, e não a palavra γῆ (GE), “terra” ou “a terra”. A promessa feita por Jesus a igreja da cidade de Filadélfia significa “que Ele iria isentá-los dos julgamentos severos de perseguição que viria logo sob a Ásia e seriam experimentados por todos os países ao seu redor...”⁹

Sobre a questão da “*angústia entre as nações*” a causa dela é claramente a “*perplexidade por causa do bramido do mar e das ondas*”. Temos aqui algo diretamente literal. O mar aqui jamais poderia ser entendido como uma referência as nações da terra, pois são elas mesmas que estavam angustiadas por causa do mar. E teria acontecido algo tão grandioso no mar naqueles dias? Sim! A história mostra o que aconteceu! De acordo com relatos históricos, terremotos e catástrofes não foram “uma ocorrência rara para aquele tempo. Antes, um número incrível de terremotos aconteceu por todo o Império Romano no período antes do ano 70 d.C. Josefo escreve que os terremotos eram calamidades comuns, e descreve um terremoto na Judéia de tal magnitude “que a constituição do universo foi desconcertada para a destruição dos homens”.¹⁰

E sobre o mar e o bramido de suas ondas “o fundo do Mar Mediterrâneo está cheio de navios que quebraram e afundaram por causa de tempestades. Lemos sobre um desses incidentes em Atos 27. A tempestade é descrita como um “Euro-aquilão”, isto é, “um vento nordeste” (27:14). Lucas escreve que eles não viram o sol ou as estrelas “por muitos dias” (27:20). O navio finalmente encalhou onde ele foi “quebrado com a força das ondas” (27:41)”.¹¹

O historiador romano Tácito descreve uma série de eventos similares no ano 65 d.C.:

“Os deuses também marcaram com tempestades e doenças um ano vergonhoso por tantos crimes. Campanha foi devastada por um furacão... a fúria do qual se estendeu à vizinha da cidade, na qual uma pestilência violenta estava matando cada classe de seres humanos... casas ficavam cheias de corpos mortos, as ruas de funerais”.¹²

“...haverá homens que desmaiarão de terror e pela expectativa das coisas que sobrevirão ao mundo; pois os poderes dos céus serão abalados”.

(Lucas 21:26)

Esta passagem tem conexão com Apocalipse 6:12-17:

“Vi quando o Cordeiro abriu o sexto selo, e sobreveio grande terremoto. O sol se tornou negro como saco de crina, a lua toda, como sangue, as estrelas do céu caíram pela terra, como a figueira, quando abalada por vento forte, deixa cair os seus figos verdes, e o céu recolheu-se como um pergaminho quando se enrola. Então, todos os montes e ilhas foram movidos do seu lugar.

Os reis da terra, os grandes, os comandantes, os ricos, os poderosos e todo escravo e todo livre se esconderam nas cavernas e nos penhascos dos montes e disseram aos montes e aos rochedos: Caí sobre nós e escondi-nos da face daquele que se assenta no trono e da ira do Cordeiro, porque chegou o grande Dia da ira deles; e quem é que pode suste-se?”

Esta passagem de Apocalipse ajuda a lançar luz sobre um detalhe em Lucas 21:26, isto é, o fato dos homens desmaiarem de terror porque *“os poderes dos céus serão abalados”*. Na tendência do literalismo extremo, os intérpretes tendem a pensar que os céus físicos serão abalados com estrondos horríveis, mas o que vemos em Apocalipse 6 é aquela linguagem simbólica do Universo em Colapso. Quando o Sol torna-se negro, a lua como sangue, as estrelas caem e o céu enrola-se como um pergaminho, isto

significa que as autoridades civis e judaicas da nação judaica ruíram. É como hoje em dia alguém diante de uma terrível tragédia diz que o chão desapareceu de debaixo de seus pés.

Por acaso houve angústia entre as nações e homens desmaiando de terror? Houve sim intensa convulsão social naqueles dias, ao ponto de muitas pessoas irem de encontro ao desespero. Ao relatar sobre o que aconteceu naqueles dias da igreja primitiva, o escritor e pastor Jonathan Welton faz um alerta em seu livro sobre o quão é chocante tomar conhecimento sobre o que aconteceu em Jerusalém no ano 70 d.C.

Ele escreveu:

“Como escritor, esse é meu quarto livro. Em tudo que escrevi até hoje, nunca escrevi nada como o que fiz neste capítulo. Eu sinto necessidade de literalmente o alertar.

Neste capítulo, compartilharei com você o relato histórico do cumprimento de Mateus 24 no ano 70 d.C., na destruição de Jerusalém. George Peter Holford escreveu um pequeno livro em 1.805 sobre a destruição de 70 d.C. Ele é incrivelmente gráfico e arrasador, mas é fiel ao que aconteceu. A primeira vez que li esse trabalho, chorei enquanto voava em um avião.

Antes de ler esse capítulo, por favor, pare e ore. Pergunte ao Espírito Santo se você está pronto para ler o conteúdo desse capítulo. Também recomendo a você não lê-lo antes de ir dormir. Se você não estiver pronto para ler esse capítulo, por favor, pule para o próximo...”¹³

O historiador Flávio Josefo nos conta como foi horrível a guerra de Roma contra Jerusalém nas seguintes palavras:

“De todas as guerras que se travaram, quer de cidade contra cidade, quer de nações contra nações, nosso século ainda não

viu outra tão grande, e nós não sabemos que tenha havido outra semelhante, à que os judeus sustentaram contra os romanos”.¹⁴

“Então, se verá o Filho do Homem vindo numa nuvem, com poder e grande glória”.

(Lucas 21:27)

Seria esta a Segunda Vinda de Cristo? Estamos diante de um evento literal? Não! Explico o porquê! A grande questão que nos impede de interpretar essa passagem literalmente, está em dois fatores:

1. Vir *“numa nuvem”* trata-se de uma linguagem de julgamento, muito comum no Antigo Testamento em que Jeová vinha nas nuvens do céu para punir nações inimigas;
2. Mais à frente, no versículo 32, Jesus responde a uma das perguntas dos discípulos, que foi: *“Perguntaram-lhe: Mestre, quando sucederá isto?”* (Versículo 7). Jesus deixa claro que os acontecimentos apocalípticos seria na geração dos discípulos. Isto veremos com mais detalhes no comentário do verso 32.

Veja a seguir diversos exemplos do Antigo Testamento que usam esse conceito de *“vir sobre as nuvens”* como uma metáfora para Deus vindo julgar cidades ou nações:

Julgamento de Deus sobre o Egito:

“Peso do Egito. Eis que o SENHOR vem cavalgando numa nuvem ligeira, e entrará no Egito;...”

(Isaías 19:1)

“Porque está perto o dia, sim, está perto o dia do Senhor; dia nublado; será o tempo dos gentios”.

(Ezequiel 30:3)

Julgamento de Deus sobre Nínive:

“...o Senhor tem o seu caminho na tormenta e na tempestade, e as nuvens são o pó dos seus pés”.

(Naum 1:3)

Julgamento de Deus sobre Israel:

“Dia de trevas e de escuridão; dia de nuvens e densas trevas, como a alva espalhada sobre os montes...”.

(Joel 2:2)

O Messias como Deus e Rei que julga:

“Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha nas nuvens do céu um como o filho do homem; e dirigiu-se ao ancião de dias, e o fizeram chegar até ele.

E foi-lhe dado o domínio, e a honra, e o reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem; o seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o seu reino tal, que não será destruído”.

(Daniel 7:13-14)

Em nenhuma dessas passagens acima Deus literal ou fisicamente veio cavalgando numa nuvem para destruir e julgar alguma nação. Brian Godawa comenta que “a noção de vir sobre as nuvens com tempestades e trovões é um modo usado no Antigo Oriente Médio para falar sobre deidades vindo julgar nações e cidades. O Egito foi saqueado pelos assírios (Isaías 9:23-25). Nínive foi destruída pela mão de Nabucodonosor, da Babilônia (Ezequiel 30:10). Mas Deus é descrito como quem

estava usando essas forças pagãs para seus propósitos de julgar tais cidades. Assim que Deus “veio sobre as nuvens”.¹⁵

“Ora, ao começarem estas coisas a suceder, exultai e erguei a vossa cabeça; porque a vossa redenção se aproxima”.

(Lucas 21:28)

Muitos têm se enganado com este versículo e o usam para desmentir o Preterismo. A ideia que o versículo “parece” refletir é que o livramento através de um arrebatamento estaria se aproximando no final da Grande tribulação. Levando ao pé da letra o que Jesus quis dizer, claramente se vê que a palavra foi dirigida aqueles primeiros discípulos, e que quando eles vissem os sinais e a tragédia da grande tribulação em Jerusalém, a redenção deles estava próxima. A pergunta deve ser: *“Qual seria esta “redenção”?”* Como aqueles primeiros discípulos e os leitores de Lucas deveriam entender a palavra “redenção”? Ao consultar um bom Léxico grego, podemos ver algo totalmente diferente de uma “redenção” em forma de arrebatamento etc. Veja a seguir os vários significados possíveis da palavra “redenção” no Dicionário de Escatologia do Preterismo:

Redenção – [Do Gr. ἀπολυτρωσις, Transl.:apolutrosis, do Lat. Redemptio] Resgate, libertação garantida mediante o pagamento de um resgate.

1. No grego clássico essa palavra descrevia a ação de um amo que resgatava um escravo que havia se tornado prisioneiro.

2. Na linguagem da Escritura, redenção é a libertação da condenação por meio do sacrifício de Cristo (Romanos 3:24; Colossenses 1:14).

3. Em sentido geral, redenção significa libertação (sem a ideia de um resgate). Ex.: Libertação de calamidades e morte (Lucas 21:28; Hebreus 11:35). No caso do contexto

de Lucas 21:28, significa que quando começasse a grande tribulação, os discípulos deveriam se alegrar porque a redenção (ou libertação das calamidades e morte) estava se aproximando”.¹⁶ [o grifo é meu]

Ainda sobre a palavra “redenção”, o Léxico Grego do Novo Testamento de Edward Robinson¹⁷ diz:

2. Ger. *libertação*, cessando a ideia de um resgate; p. ex. de calamidades e morte, Lc 21.28; Hb 11.35; de crentes do corpo e do poder deste mundo, Rm 8.23 (cp. 7.24); Ef 1.14; 4.30.

Note que em ambos os dicionários a palavra “redenção” como significado de libertação de calamidades e morte, está associada com Lucas 21:28. E, de fato, foi isto o que aconteceu com os crentes da igreja primitiva. Ao seguir as recomendações de Jesus fugindo de Jerusalém, aqueles primeiros cristãos foram salvos da grande tribulação e das constantes perseguições promovidas pelos judeus.

A parábola da figueira

“Ainda lhes propôs uma parábola, dizendo: Vede a figueira e todas as árvores.

Quando começam a brotar, vendo-o, sabeis, por vós mesmos, que o verão está próximo.

Assim também, quando verdes acontecerem estas coisas, sabeis que está próximo o reino de Deus”.

(Lucas 21:29-31 – o grifo é meu)

Nas versões dos evangelistas Mateus e Marcos, a parábola da figueira está escrita assim:

<p><i>“Aprendeis, pois, a parábola da figueira: quando já os seus ramos se renovam e as folhas brotam, sabeis que está próximo o verão”.</i></p> <p>(Mateus 24:32)</p>	<p><i>“Aprendeis, pois, a parábola da figueira: quando já os seus ramos se renovam, e as folhas brotam, sabeis que está próximo o verão”.</i></p> <p>(Marcos 13:28)</p>
--	---

O evangelista Lucas é o único que acrescenta o detalhe de que além da “figueira”, os discípulos deveriam observar também “*todas as árvores*”. Isto desmente de vez a ideia de que a figueira seja uma referência a renovação de Israel. A ideia aqui é a simples observação da natureza, ou seja, assim como o brotar das árvores em geral provam que o verão está próximo, assim também os acontecimentos escatológicos seriam uma evidência de que o

Reino de Deus estava próximo. A Bíblia não ensina que Israel seria a figueira, pelo contrário, o apóstolo Paulo usa a Oliveira para representar Israel (Romanos 11:17, 24). Na verdade, ao contrário da opinião popular, os textos que supostamente mostrariam que Israel seria a Figueira, mostram Israel como sendo fruto dessa árvore, e não a árvore em si (Jeremias 24:1-8; 29:17; Juízes 9:10, 11 e Oséias 9:10).

“Assim também, quando virdes acontecerem estas coisas, sabeis que está próximo o reino de Deus”.

Muita gente pensa que o Reino de Deus ainda virá no futuro, na Segunda vinda de Cristo. O Novo Testamento é unânime ao afirmar que o Reino de Deus já chegou ainda no primeiro século da era cristã. Veja as passagens:

“Em verdade vos digo que alguns há, dos que aqui se encontram, que de maneira nenhuma passarão pela morte até que vejam vir o Filho do Homem no seu reino”.

(Mateus 16:28 – o grifo é meu)

“Se, porém, eu expulso demônios pelo Espírito de Deus, certamente é chegado o reino de Deus sobre vós”.

(Mateus 12.28 - o grifo é meu)

O Reino de Deus chegou ainda no primeiro século da era cristã através do ministério público de Jesus. O Reino havia chegado quando Jesus expulsava demônios, mas também iria chegar com poder no dia da destruição do templo e da cidade de Jerusalém, dando fim a era judaica e aos seus rituais.

Outros textos bíblicos demonstram que já vivemos a realidade do Reino (ainda que não seja em sua plenitude):

“Ele nos libertou do império das trevas nos transportou para o reino do Filho do seu amor, no qual temos a redenção, a remissão dos pecados”.

(Colossenses 1.13-14 - o grifo é meu)

“...exortamos, consolamos e admoestamos, para viverdes por modo digno de Deus, que vos chama para o seu reino e glória”.

(1ª Tessalonicenses 2.12 - o grifo é meu)

“Ouvi, meus amados irmãos. Não escolheu Deus os que para o mundo são pobres, para serem ricos em fé e herdeiros do reino que ele prometeu aos que o amam?”

(Tiago 2.5 - o grifo é meu)

“...e nos constituiu reino, sacerdotes para o seu Deus e Pai, a ele a glória e o domínio pelos séculos dos séculos. Amém!”

(Apocalipse 1.6 - o grifo é meu)



“Em verdade vos digo que não passará esta geração, sem que tudo isto aconteça”.

(Lucas 21:32)

Esta frase simples tem tirado o sono de muita gente. Existe uma disputa acirrada em torno dela. Não há um consenso entre os atuais e pessimistas intérpretes. É saudável que tenha essa disputa, pois abre um caminho rico para a interpretação verdadeira surgir. A frase “*não passará esta geração*” é de uma simplicidade sem igual, e é devido a sua simplicidade que muitos acabam tropeçando e dando outros significados a ela. O que essa frase vem a significar é que a geração dos discípulos e a igreja primitiva estariam vivos

para ver o juízo que cairia sobre Jerusalém. Não há como fugir dessa realidade!

Porque os discípulos deveriam entender de outra forma o termo “*esta geração*”, haja vista que o mesmo aparece cerca de dezenove vezes nos evangelhos? Porque “*geração*” ganha um significado especial justamente aqui no Sermão profético? Simplesmente não faz sentido todo esse barulho em torno de uma frase tão simples.

Veja porque:

1. O Senhor poderia ter ficado em silêncio em relação a pergunta dos discípulos sobre o “*quando*” seria cumprido o Sermão profético;
2. O fato de ***nominar*** a geração é bastante significativo, pois assim é apontado claramente o tempo do cumprimento da profecia;
3. A presença do pronome demonstrativo próximo “**ESTA**” ao invés de “**ESSA**” ou “**AQUELA**” reforça que foi a geração dos discípulos que viu o cumprimento do Sermão profético. Se as palavras possuem significado, e eu acredito que devemos levá-los em conta, então a frase “*esta geração*” deve ser interpretada literalmente, pois do contrário, não haveria sentido Jesus ter **NOMINADO** a geração que veria a grande tribulação.

Para um estudo aprofundado sobre o tema, sugiro a leitura do meu artigo “*A Parábola da Figueira e o Significado de “não passará esta geração”*” publicado pela Revista Cristã Última Chamada.



“Passará o céu e a terra, porém as minhas palavras não passarão”.

(Lucas 21:33)

A expressão “*céu e a terra*” é uma referência da Antiga Aliança e não uma referência literal dos céus e terra físicos. A Antiga Aliança de Israel descrita no Antigo Testamento com seus sacrifícios, ofertas e observâncias de dias de festas etc., é a antiga ordem de coisas, os velhos céus e terra que deram lugar ao novo céu e nova terra, os quais habitam a justiça de Cristo. Foi por isto que Jesus disse em Mateus 5:17-18:

“Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas; não vim para revogar, vim para cumprir. Porque em verdade vos digo: até que o céu e a terra passem, nem um i ou um til jamais passará da Lei, até que tudo se cumpra”.

Baseados neste versículo, muita gente pensa que a Lei mosaica estará em vigor enquanto o mundo não acabar, porque tudo terá de ser cumprido. É bom que fique claro que é impossível que tudo seja cumprido enquanto o mundo físico durar. Somente Jesus foi capaz de cumprir toda a Lei e os profetas. Estando entre nós em Seu ministério terreno, o Senhor deu o sentido completo para a Lei e os profetas. Quando Ele disse “*está consumado*”, ali tudo foi cumprido. Após isso a Antiga Aliança - ou céu e terra - passaram para sempre.

Nessa ideia de céu e terra passando, temos aqui uma conexão direta com Apocalipse 20:11 que diz:

“Vi também um grande trono branco e o que estava assentado sobre ele; a terra e o céu fugiram de sua presença, e não foi achado lugar para eles”.

Neste versículo, João vê o dia do Juízo Final. Mesmo que a frase da *“terra e o céu fugiram de sua presença”* possa ser descrita como um retrato poético dos efeitos da presença divina fazendo com que a criação natural recue com temor procurando se esconder, na verdade, temos aqui a ideia de que antes do Juízo Final no último dia, a velha criação (ou Antiga Aliança) já havia passado. Essa frase sugere em si mesma que o céu e a terra não existem mais. A Antiga Aliança passou para sempre, a Lei foi cumprida.

Exortação à vigilância e conclusão

“Acautelai-vos por vós mesmos, para que nunca vos suceda que o vosso coração fique sobrecarregado com as consequências da orgia, da embriaguez e das preocupações deste mundo, e para que aquele dia não venha sobre vós repentinamente, como um laço.

Pois há de sobrevir a todos os que vivem sobre a face de toda a terra”.

(Lucas 21:34-35)

Temos aqui uma declaração inequivocamente dirigida aos primeiros discípulos, mostrando que muitos deles seriam aqueles que veriam todas as aflições que viriam sobre Jerusalém. A frase *“acautelai-vos por vós mesmos”* é uma advertência direta a eles, e não a pessoas que viriam milhares de anos depois num suposto fim do mundo. Não que tais advertências não sejam válidas em muitos aspectos em nossa vida diária, mas aqueles discípulos em primeiro plano correriam sérios riscos diante dos infortúnios que viriam sobre o povo judeu. E a história mostra que quem seguiu as advertências de Jesus, conseguiu fugir da grande tribulação.



“Pois há de sobrevir a todos os que vivem sobre a face de toda a terra”.

Sem dúvida alguma muita gente se engana com esta parte do versículo. Dá a impressão de que trata-se do Planeta Terra. Todavia, não é assim que os leitores do primeiro século da era cristã deveriam entendê-la. A ideia de *“sobre a face de toda a terra”* é uma referência ao morador da terra de Israel e se aplica claramente aos judeus. Encontramos uma frase similar em Apocalipse 6:10 quando se diz:

“E clamavam com grande voz, dizendo: Até quando, ó Senhor, santo e verdadeiro, abster-te-ás de julgar e vingar o nosso sangue sobre os que habitam sobre a terra?”

Os castigos dos sete selos no Apocalipse seguem especificamente o padrão do discurso do Monte das Oliveiras e Lucas 21:35 é uma versão de Lucas desse Discurso. Segundo Kenneth Gentry Jr. “lá em Lucas a frase é expandida: *ἐπὶ πάντα τοὺς καθημένους ἐπὶ πρόσωπον πάσης τῆς γῆς* [em grego]. As traduções principais dão uma leitura universalista ao longo das linhas da tradução da *New American Standard Bible*: *“...todos os que habitam sobre a face de toda a terra”*. Os tradutores estão enganados, pois Lucas 21 está lidando com o julgamento de Deus sobre Israel”.¹⁸

Para esclarecer que o sofrimento que viria sobre *“sobre a face de toda a terra”* é uma referência a queda e destruição de Jerusalém, ofereço os seguintes provas:

1. O discurso escatológico de Jesus surge da curiosidade dos discípulos sobre “quando” seria a destruição do Templo, e não sobre o fim do mundo.
2. Toda a advertência feita em Lucas 21 é para que os discípulos ficassem atentos sobre o que viria sobre Jerusalém, e sobre como fugir das calamidades que viriam naqueles dias.
3. Lucas 21:20-24 claramente enfatiza a destruição de Jerusalém, e diz que “*haverá grande aflição na terra e ira contra este povo*”, sendo a palavra “terra” a primeira menção no texto de Lucas 21. Segundo Kenneth Gentry Jr. “a maioria dos comentaristas reconhece isso como se referindo a Israel”.¹⁹



“Vigiai, pois, a todo tempo, orando, para que possais escapar de todas estas coisas que têm de suceder e estar em pé na presença do Filho do Homem”.

(Lucas 21:36)

Este versículo claramente demonstra que toda advertência feita por Jesus nesse Sermão profético, era exclusivamente para os primeiros ouvintes daquelas palavras. Muitos deles estariam vivos para ver a queda e a destruição de Jerusalém. Eles precisavam saber sobre o que teriam de fazer para escapar de tal desgraça que se abateu sobre os judeus. O “*estar em pé na presença do Filho do Homem*” significa estar em pé perante um juiz. Não que essas

palavras do versículo 36 não tenha nenhum significado para nós, pelo contrário, precisamos todos os dias estar vigilantes, pois o que aconteceu a Jerusalém no ano 70 d.C. é um exemplo do que acontecerá com nações, povos ou pessoas que individualmente rejeitam e amaldiçoam a Cristo.

Aqui se encaixa perfeitamente o conselho do apóstolo Paulo aos coríntios, quando usou um exemplo da história de Israel:

“Ora, irmãos, não quero que ignoreis que nossos pais estiveram todos sob a nuvem, e todos passaram pelo mar, tendo sido todos batizados, assim na nuvem como no mar, com respeito a Moisés.

Todos eles comeram de um só manjar espiritual e beberam da mesma fonte espiritual; porque bebiam de uma pedra espiritual que os seguia. E a pedra era Cristo.

Entretanto, Deus não se agradou da maioria deles, razão por que ficaram prostrados no deserto.

Ora, estas coisas se tornaram exemplos para nós, a fim de que não cobicemos as coisas más, como eles cobiçaram.

Não vos façais, pois, idólatras, como alguns deles; porquanto está escrito: O povo assentou-se para comer e beber e levantou-se para divertir-se.

E não pratiquemos imoralidade, como alguns deles o fizeram, e caíram, num só dia, vinte e três mil.

Não ponhamos o Senhor à prova, como alguns deles já fizeram e pereceram pelas mordeduras das serpentes.

Nem murmureis, como alguns deles murmuraram e foram destruídos pelo exterminador.

Estas coisas lhes sobrevieram como exemplos e foram escritas para advertência nossa, de nós outros sobre quem os fins dos séculos têm chegado.

Aquele, pois, que pensa estar em pé veja que não caia”.

(1ª Coríntios 10:1-12 – o grifo é meu)

O que aconteceu ao povo judeu no deserto nunca mais se repetirá na história, mas, mesmo assim, serve de exemplo para todo aquele que praticar o mal. Assim, da mesma forma, a queda de Jerusalém nos serve de exemplo, e foi escrito para a nossa advertência, para que nunca caiamos no mesmo exemplo de desobediência que os judeus do primeiro século da era cristã tiveram.

Bibliografia

1. Artigo: 3 Perguntas Sobre o Fim dos Tempos.
Autor: Norbert Lieth.
Site: www.chamada.com.br/mensagens/fim_dos_tempos.html
Acessado dia 16 de Junho de 2013
2. Livro: The Parousia
A Careful Look at the New Testament Doctrine of the Lord's Second Coming -
Autor: James Stuart Russel (1878)
Site: www.preteristarchive.com/Books/1878_russell_parousia.html
Acessado 14 de Dezembro de 2016
3. Livro: Guerra dos Judeus
Autor: Flávio Josefo
4. LIVRO V, 70 dC (Publius Cornelius Tacitus 55 À 120 D.C.)
Site: www.preteristarchive.com/Rome/
Link: P. Cornelius Tacitus - Annals (109, 1904 Edition)
Acessado dia 01/06/2015
5. Dião Cássio História Romana 65,8. "Ao mesmo tempo que isso aconteceu, Vespasiano, que estava envolvido na guerra com os judeus, aprendeu da rebelião de Vitélio e de Otho e foi deliberar o que ele deve fazer." (Ibid.) Enquanto Vespasiano, a besta cuja ferida tinha sido curado , estava em Israel, Nero morreu e Galba, Otho e Vitélio lutado uns contra os outros para reivindicar o trono vazio. Vespasiano e muitos dos seus apoiantes estavam bem familiarizados com o fatalismo astral e teria visto isso como um presságio claras que Vespasiano logo se tornariam imperador. Como afirmado anteriormente, o sol representa um deus ou rei; assim o sol fraco no oeste parece representar rivais ocidentais de Vespasiano: Vitélio e Otho. Além disso, o fato de que este sol, que representa a corrente Caesar auto-proclamado, foi no oeste

implica que ele está prestes a definir. Quando o sol se põe parece descer para a terra. Isto foi visto pelos antigos como um sinal da descida de um rei ou deus no submundo, a terra dos mortos. O sol brilhante no leste é Vespasiano, o general das forças romanas em Israel para o leste. A estrela cadente pode ser visto como a morte de um dos rivais de Vespasiano, talvez Otho? Esta interpretação parece ter provado ser correto. Vitélio tinha sido morto, e Vespasiano tornou-se a próxima César.

6. Trechos baseados no artigo: Os Textos-Prova do Preterismo Completo
Autor: Kenneth L. Gentry, Jr.
Fonte:
www.postmillennialismtoday.com/2014/02/26/hyperpreterisms-empty-proof-text/
7. Livro: Back to the Future
(A Study in the Book of Revelation Revised Edition), pg. 214.
Autor: Ralph E. Bass, Jr.
Living Hope Press - Greenville, SC.
8. Explicação de Frases da Escritura Acerca da Destruição dos Céus e da Terra
Autor: Moisés Maimônides
Tradução: Paulo Tiago Moreira Gonçalves
Data: 5 de junho de 2012
Site: www.revistacrista.org
9. Idem nº 7, pg. 136.
10. Citado em Thomas Scott, The Holy Bible Containing the Old and New Testaments, According to the Authorized Version; with Explanatory Notes, Practical Observations, and Copious Marginal References, 3 vols. (New York: Collins and Hannay, 1832), 3:108.
11. Artigo: Aquecimento Global e Final dos Tempos: Existe Alguma Conexão?
Autor: Gary DeMar
Tradução: Felipe Sabino de Araújo Neto
Site: www.monergismo.com
12. George Edmundson, The Church in Rome in the First Century (London: Longmans, Green and Co., 1913), 143.

13. E-book: Sem Arrebatamento Secreto
Um Guia Otimista para o Fim do Mundo, pg. 40
Autor: Jonathan Welton, Th.D
Publicado pela Revista Cristã Última Chamada
Site: www.revistacrista.org

14. História dos Hebreus
– De Abraão à queda de Jerusalém –
Obra Completa, pg. 983.
28ª impressão: 2016. Editora CPAD
Site: www.cpad.com.br

15. O Universo em Colapso na Bíblia: *Eventos literais ou metáfora poderosa?*
Autor: Brian Godawa
Tradução: Thiago R B M
- Revista Cristã Última Chamada -
Edição Especial Nº 017
Site: www.revistacrista.org

16. Dicionário de Escatologia do Preterismo
- Revista Cristã Última Chamada -
- Edição Especial Nº 025 -
Autor: César Francisco Raymundo
Site: www.revistacrista.org/literatura_Revista025.html

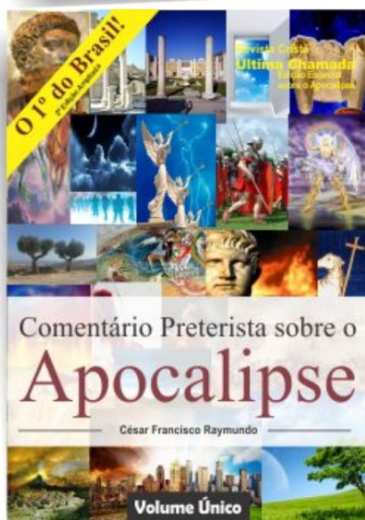
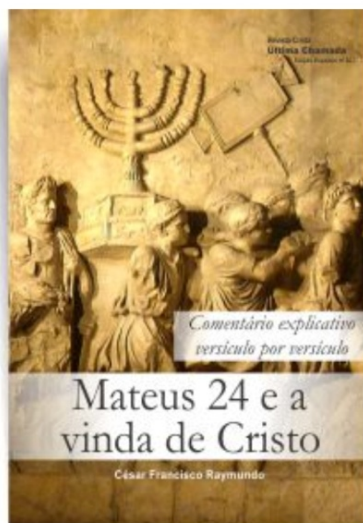
17. Léxico Grego do Novo Testamento, págs. Pg. 104, 105.
Autor: Edward Robinson
Tradução: Paulo Sérgio Gomes.
Edição em língua portuguesa © 2012
Editora Casa Publicadora das Assembleias de Deus. Léxico citar

18. E-book: Quem são aqueles *'que habitam sobre a terra'*
descritos no *livro do Apocalipse?*
Autor: Kenneth L. Gentry, Jr.
Site:
www.revistacrista.org/literatura_quem_sao_os_habitantes_da_terra_no_livro_do_apocalipse.html
Acessado Segunda-feira, 26 de Dezembro de 2016

19. Idem nº 18.

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em
www.revistacrista.org



Revista Cristã
Última Chamada

O livro mais
Amargo
da Bíblia dá suporte a



**Esperança
Pós-milenista?**

César Francisco Raymundo

KENNETH L. GENTRY JR.

**PÓS-MILENARISMO
PARA LEIGOS**

VOCÊ PODE ENTENDER
A PROFECIA BÍBLICA



revista cristã
última chamada

**Refutando o
Amilenismo
Dispensacionalismo
Pré-milenismo
Clássico**

Jay Rogers

César Francisco Raymundo

revista cristã
última chamada

**E se Deus
não tivesse nascido
de mulher?**